



O Jornalismo Ambiental e seu Caráter Educativo¹

Eloisa Beling LOOSE²

Ilza Maria Tourinho GIRARDI³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

Este artigo pretende mostrar que no exercício do jornalismo está incutida uma função sócio-educativa, ainda mais quando nos detemos às peculiaridades que envolvem o jornalismo especializado em meio ambiente. O Jornalismo Ambiental se insere explicitamente no campo da educação quando realiza com responsabilidade e ética o trabalho de informar seus receptores, formando opinião pública crítica e estimulando a promoção da cidadania. Além da revisão de bibliografia, a análise das estratégias discursivas pedagógicas presentes nesse jornalismo especializado sublinha a faceta educativa intrínseca na prática jornalística.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo ambiental; educação; cidadania; estratégias discursivas pedagógicas.

1. O jornalismo como fonte de aprendizagem

O jornalismo é um exercício profissional que propõe levar as informações de caráter relevante e de interesse público às pessoas que buscam conhecer mais a realidade do mundo onde vivem. Esse é um objetivo que, por si só, já mostra como ele adentra no cotidiano de seus receptores e leva conhecimentos variados para eles - que podem ser incorporadas (ou não) aos seus modos de pensar e agir. Hernan Gelós (2001, p.38) explicita tal vocação:

El comunicador tiene la misión de transferir información, per además, le guste o no le guste, como está influyendo en los demás, recae sobre sus hombros una misión pedagógica y una misión crítica. Los periodistas fueron formados para producir y enviar mensajes, ahora los incube una misión más trascendente: deben generar debate sobre los temas importantes presentando las diferentes opiniones que hay al respecto.

¹Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, email: eloisa.loose@gmail.com.

³Doutora em Comunicação. Professora e pesquisadora da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, email: ilza.girardi@ufrgs.br.



Pensando o jornalismo como uma fonte de novos saberes, percebe-se a necessidade dos profissionais da área ter responsabilidade e ética a fim de tornar a população consciente das problemáticas que cercam seu dia-a-dia e instruí-las nas tomadas de decisão que privilegiem o bem comum. A tarefa não é fácil e requer um olhar atento dos jornalistas para o que contextualiza e está imbricado no acontecimento.

Os traços didáticos estão presentes na atividade ainda que muitos neguem. Devido aos públicos heterogêneos eles são imprescindíveis para que até os fatos complexos, mas muitas vezes corriqueiros, possam ser entendidos por uma grande parcela de pessoas, com variados repertórios culturais. Quando se trata de jornalismo ambiental a didatização dos conhecimentos é quase uma obrigação, tendo em vista a especificidade de termos e a minuciosidade dos eventos científicos, difíceis de serem compreendidos até por aqueles que tem por missão divulgar os aspectos de tal campo.

Antônio Fausto Neto (1991, p. 32) coloca que as vozes da pedagogia estão embutidas no discurso jornalístico, “na medida em que os sistemas de comunicação de massa se convertem ou são convertidos em novas janelas de ‘explicação’ escolar e ética dos processos sociais”. É ele quem diz ainda que é o jornalista aquele que se depara com os mais variados campos de saber e com eles negocia procedimentos de apropriação para, então, construir o discurso.

2. Jornalismo Ambiental: uma ferramenta da Educação

A divulgação do conhecimento ambiental na mídia faz com que o cidadão comum tome contato cada vez mais freqüente com o mundo da ciência, porém raramente apresenta o papel estratégico que ela ocupa nas sociedades modernas. Milhares de pessoas formam opiniões a partir daquilo que é legitimado no campo midiático, por isso é crucial que os jornalistas saibam transformar os fatos científicos em algo pleno de sentido, algo que favoreça a reflexão crítica e não exerça um papel meramente contemplativo.

Muito além da denúncia, o jornalista pode sim ser um educador e auxiliar na formação da opinião pública em prol da sobrevivência planetária. A difusão de uma postura ética para o restabelecimento do equilíbrio da vida já coloca o jornalista ambiental como agente da propagação da proteção de onde vivemos, oferecendo visibilidade e argumentos para cobranças do poder público. Para isso, a adequação pertinente ao público-alvo é fundamental para que haja entendimento real da informação. Além de colaborar para o acréscimo de conhecimentos e a estruturação de



uma postura mais ética diante do meio ambiente, os veículos de comunicação podem iniciar o público de amanhã a interessar-se por meio ambiente.

A sustentabilidade da vida relaciona-se profundamente com o caráter ético e cidadão que é construído, representado e descolado do coletivo social pelo campo da mídia. Nesse sentido, os meios de comunicação de massa atuam de forma predominante nas legitimações de atitudes que determinarão um rol de movimentos dentro de diferentes comunidades. Concorde-se com Pedro Celso Campos (2006), quando ele aponta que a educação da cidadania precisa acontecer em direção à ética e que uma das principais instâncias onde ela pode acontecer é a da mídia.

Freinet (*apud* CALDAS, 2005) diz que a imprensa é um dos recursos mais ricos e produtivos no processo da construção da narrativa, podendo as narrativas midiáticas contribuir muito para a aprendizagem da informação científica de forma lúdica e cooperativa. Assim, as crianças e jovens poderiam desde cedo acessar determinadas informações – de forma clara e facilitada - a fim de, no futuro, praticarem ações mais conscientes. Graça Caldas (2005) ainda afirma que é a partir da inclusão da introdução das crianças no campo científico que será possível termos mais tarde adultos que entendam os conteúdos científicos de forma crítica e autônoma, reconstruindo e reescrevendo o conhecimento.

Charaudeau (2006) coloca que o discurso informativo (no qual está englobado o jornalístico) e o discurso didático aproximam-se muito na atividade de explicação, já que ambos têm alvos bastante amplos e não especializados. Logo, tanto um como o outro vai recorrer à vulgarização⁴ para evidenciar a verdade num quadro de inteligibilidade acessível a um público vasto e heterogêneo. A diferença fundamental estaria no fato de que, no caso das mídias - onde essa simplificação está atravessada por uma necessidade de captação do público - a vulgarização estaria somada à dramatização. Partindo desse ponto de vista, o autor afirma que:

pode-se dizer que as mídias trapaceiam cada vez que uma explicação é apresentada como a decodificação simplificada de uma verdade oculta, como acessível a todos e a mesma para todos graças ao efeito mágico da vulgarização” (*Ibid.*, p. 62).

A partir disso, pode-se dizer que a natureza jornalística concentra uma função pedagógica desde seus primórdios: a de intervir para a transformação da realidade

⁴Patrick Charaudeau (2006) explica que toda vulgarização é, por definição, deformante. E acrescenta que quanto maior for o alvo, maior será a necessidade de que o saber que deu origem à informação seja transformado (ou deformado) para parecer acessível.



(dispondo para isso conhecê-la e ver como o conhecimento se relaciona com ela). A confrontação dos discursos abre caminho para que a sociedade se mobilize a favor de seus direitos, deixando de lado o ser passivo para, de modo coerente, tomar posicionamento frente àquilo que lhe diz respeito.

3. Para validar a compreensão dos fatos

Por mais que o jornalismo possua grande penetrabilidade na sociedade contemporânea, nem sempre aquilo que constrói para seus públicos recebe o entendimento adequado. Faz parte do papel de jornalista estar atento para noticiar de modo que haja compreensão por parte do receptor da informação. O cuidado com os modos de dizer, com a linguagem acessível e a oferta de quadros, infográficos e ilustrações que melhorem o entendimento do conteúdo a ser publicado são preocupações, sem dúvida, relacionadas ao campo pedagógico.

Para que a produção de conhecimentos específicos chegue àqueles que não são peritos e/ou possuidores de um repertório cultural mais amplo ou específico, faz-se obrigatório que os jornalistas popularizem de forma correta esses saberes. O jornalismo ambiental exerce esta função diariamente, visto que a grande parte dos vocábulos pertencentes ao âmbito do meio ambiente não são de amplo reconhecimento da sociedade. A tarefa de usar analogias e decifrar nomes técnicos de modo a tornar possível a compreensão dos acontecimentos e avanços relacionados não só ao meio ambiente, mas também às demais áreas que englobam setores específicos, como a saúde, a economia, a política e a tecnologia, é intrínseca ao fazer e pensar o jornalismo especializado.

Segundo Alessandra Brandão, ao transmitir fatos científicos de uma maneira palpável ao público leigo, é verificável que seu papel não é meramente informativo, mas de igual forma educativo. A autora ainda diz que tal ferramenta pode “colaborar na luta contra a falta de cultura científica não só no país, como em todo o mundo” (BRANDÃO *apud* SOUSA *et al.*, 2006, p.30). Assim, ela reforça essa idéia de que o jornalismo é também ferramenta educativa.

Fabíola de Oliveira (2002) atenta para o fato de que a divulgação das informações científicas segue uma série de normas rígidas de padronização e normatização universal (estabelecidas especialmente na redação), além de ser mais árida por não conter atrativos. A autora lembra que para prender a atenção dos leitores e ouvintes deve-se usar e abusar da metalinguagem, recurso excelente para aproximar o



público leigo das informações científicas. Mesmo falando de ciência, constata-se que suas palavras podem ser usadas em outros contextos nos quais o jornalismo realiza a ‘tradução’ de algo muito específico para uma linguagem popular.

A construção de comparações e outras formas de esclarecimento sobre os temas abordados requerem pesquisa por parte dos envolvidos nessa produção e devem ter relações com as informações. Os fatos a serem transmitidos devem proporcionar aos produtores a compreensão total de seu conteúdo pelos públicos, sendo necessário para tanto, como já foi citado, o aprofundamento do tema. A busca por toda contextualização do assunto, suas razões e conseqüências fornecem aos jornalistas (e, nesse caso, não só aos da área científica) uma transmissão mais esclarecedora dos fatos.

A decodificação da linguagem da ciência para a sua apresentação a um grande público heterogêneo e disperso de um pré-conhecimento comum implica a leitura de textos corretamente escritos, mas que sejam de fácil compreensão, sem uso excessivo de adjetivos, neologismos ou emprego de palavras difíceis, tornando possível que todos os ouvintes/leitores/telespectadores incorporem a informação sem maiores dificuldades. Porém, anterior ao ato de transpor os fatos acontecidos em texto, é preciso dar atenção ao olhar que o profissional da área assume para o assunto. O jornalismo ambiental busca sempre a abordagem sistêmica⁵, o pensamento complexo⁶, as premissas da Ecologia Profunda⁷.

A explicação desse olhar se dá, de forma sucinta, pelo entendimento que qualquer fenômeno possui um contexto, uma justificativa, uma série de conexões com outras peças de informação. Utilizando-se da metáfora de Capra (1996), todos os significados estão amarrados a uma teia, onde há integração e troca mútua de informações. O olhar do jornalista ambiental tenta desvendar essas ligações, deixando expostas as redes de interesses envolvidas. O enfoque na defesa da vida não é perdido. A superficialidade e a fragmentação são transformadas em profundidade e contextualização. A ênfase nos processos é maior do que a nos eventos. O meio ambiente é visto como um todo e, todo e qualquer movimento ocorrido no planeta imbrica ações e posturas com uma visão ampla, coletiva e transdisciplinar.

Diante da crise ecológica que enfrentamos, a imprensa tem o dever de assumir a responsabilidade de educar para a transformação. Belmonte afirma (2004, p. 35): “o

⁵ Significa pensar em termos de relações, padrões e contextos.

⁶ Relacionado ao pensamento complexo trabalhado por Edgar Morin.

⁷ Reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos, encarando o homem como mais um dos filamentos da grande teia da vida.



jornalismo ambiental não pode ser apenas informativo, tem de estar engajado em um modelo de vida sustentável do ponto de vista ecológico e social”. Nos dias de hoje, onde os processos midiáticos invadiram nosso cotidiano, é importante ter em mente que o jornalismo pode ser usado como objeto da educação a fim de melhorar a qualidade de vida na sociedade. As transversalidades dos temas precisam ser noticiadas. As nuances dessa crise planetária precisam ser desmascaradas. Os jornalistas ambientais agem tendo em vista essa perspectiva. Desse modo, sua atividade gera reflexão, discussão e amplia o valor cultural de toda uma sociedade, estimulando uma consciência sócio-política.

Mergulhar a fundo nas questões pautadas a cada dia garante investigações mais atentas e textos com mais informações. Faz parte da natureza do jornalismo levar a informação aos cidadãos. O que se tem visto, no entanto, é certa despreocupação com a forma com que elas estão sendo apuradas, enquadradas e redigidas. O senso crítico e a ética ambiental estão sendo menosprezados em função do desenvolvimento econômico a qualquer custo.

A funcionalidade do jornalismo especializado enfrenta diversos obstáculos, o que já é fato constatado (pressões políticas, comerciais, editoriais). As restrições impostas pelos pesquisadores também são muitas porém, àqueles que se dispõem a encarar o desafio de divulgar a ciência, o meio ambiente e a tecnologia devem saber (ou aprender) lidar com essas situações. Bueno (1988) é crítico em relação ao jornalismo científico quando diz que ele deve ter em mente a democratização da ciência e não ser mera reprodução dos discursos que detêm o poder em todos os níveis. Tal consideração pode ser estendida a qualquer espécie particular do exercício jornalístico.

A cidadania compreende o perfil do campo jornalístico, já que a informação pode ser considerada como propriedade do público. Franciscato e Neves (*apud* SOUSA *et all*, 2006, p.56) defendem a idéia de que o jornalismo tem como objetivo primeiro aproximar a sociedade da realidade que a cerca, de modo a diminuir fronteiras: “é bom lembrar que a informação é direito inegável ao ser humano e elemento fundamental para a construção de uma nação”.

4. A Cidadania e a Educação andam juntas

O jornalismo exerce um compromisso social, afinal somente por meio da informação e, conseqüentemente da construção de dados conhecimentos a partir dela, é que a cidadania pode ser exercida. Podemos dizer que a qualidade da mediação entre as fontes e os leigos está relacionada à proporção de inclusão social que o jornalista está



disponibilizando para seu público quando questiona, argumenta e não se satisfaz com as obviedades ou consensos. Os jornalistas ambientais têm o intuito de conduzir os seus públicos à ação, contribuindo com a diminuição das agressões ambientais e preservando uma certa qualidade de vida. Mais do que expor os fatos é necessário explicá-los e relacioná-los com a nossa convivência no meio. John (2001, p.88) ainda sinaliza o trabalho desse jornalista especializado:

Cabe ao jornalista ambiental explicar novos conceitos, técnicas e tecnologias e descobrir que relação têm elas com a destruição ou preservação dos recursos naturais; com a integridade e funcionamento dos ecossistemas ou do meio ambiente urbano. Também cabe ao jornalista ambiental acolher e investigar denúncias e disseminá-las no meio mais adequado, provocando reações locais ou globais, conforme o caso.

Isso não significa que ele deva dar aula de ecologia, mas o apelo à espetacularização deve ser minimizado. É possível atrair o leitor com boas chamadas, um lead chamativo e fotografias interessantes. O que parece não estar havendo é o cuidado com as escolhas das pautas e fontes. Mesmo que o tempo seja curto e haja pressões da empresa, faz parte do trabalho jornalístico avaliar a pertinência da informação. Quem cobre meio ambiente deve munir-se de conhecimento prévio para não se tornar apenas porta-voz das fontes.

A idéia de transformar uma sociedade alheia aos seus problemas em outra provida de cidadania ambiental norteia os rumos do jornalismo ambiental. Sem dúvida, a divulgação das notícias ambientais possibilita novas percepções sobre os impactos sentidos no dia-a-dia de nossas vidas e nos motiva a buscar alternativas para melhorias. Esse trabalho possui um duplo encargo: os cuidados tidos para revelar o fato de forma plural, objetiva e o mais comprometida possível com a verdade, e a responsabilidade para com o futuro do planeta, já que a informação ambiental afeta de modo certo o futuro da humanidade.

Nesse conjunto de pensamentos a ética se torna imprescindível. A atenção para um ética ambiental surgiu como resposta, como reação à mentalidade predatória que tantos danos nos trouxeram e permanece trazendo. Leff (2001) critica o pensamento humano no qual é o homem quem detém o poder de usufruir do patrimônio comum de todos os seres vivos. A apropriação indevida do meio ambiente e benéfica, na maioria das vezes, apenas para a raça humana, desestruturou a consolidação da ética ambiental. Para este autor (2001, p. 93),



A ética ambiental vincula a conservação da diversidade biológica do planeta ao respeito à heterogeneidade étnica e cultural da espécie humana. Ambos os princípios se conjugam no objetivo de preservar os recursos naturais e envolver as comunidades na gestão de seu ambiente. Entrelaçam-se aqui o direito humano a conservar a própria cultura e tradições, o direito de forjar seu destino a partir de seus próprios valores e formas de significação do mundo, com os princípios da gestão participativa para o manejo de seus recursos, de onde as comunidades derivam suas formas culturais de bem-estar e a satisfação de suas necessidades.

Segundo Junges (2004, p.51), solucionar os problemas causados pela visão dominadora do homem não basta, sendo crucial “uma mutação cultural que supere a visão reducionista e alcance um enfoque mais global da natureza”. Aqui, mais uma vez, a visão sistêmica e o paradigma da Ecologia Profunda são chamados a serem incorporados pela sociedade em prol de sua própria sustentabilidade. Para introduzir a questão ética no que diz respeito ao meio ambiente, vale lembrar a fragilidade da vida, a delicadeza de seus equilíbrios naturais. Prestar atenção nos complexos sistemas que regem nossa vida e o entorno dela já nos encaminha para a preocupação ética com o futuro comum.

Pelo mesmo caminho adentra a cidadania. O direito e o dever de viver com dignidade associam-se diretamente à ‘casa’ e aos recursos, que são de todos, e ao legado às próximas gerações. Waldman (2003, p. 557) destaca que:

A noção de cidadania ambiental pressupõe o estabelecimento de uma relação mais harmoniosa com a natureza. Essa postura deve estar presente em toda a extensão da vida cotidiana, com cada cidadão exercitando sua responsabilidade ambiental em toda ocasião que estiver manipulando bens e materiais, buscando a finalidade mais ecológica possível em cada atitude adotada no seu dia-a-dia e com a consciência do impacto que os mais simples procedimentos podem provocar no meio natural.

Baseado em concepções semelhantes, a ecocidadania ou cidadania ecológica (idéia ampliada da tradicional noção de Marshall) implica direitos, deveres e responsabilidades cívicas na busca de uma sociedade sustentável. Esses movimentos demonstram que há pessoas preocupadas e dispostas a modificar seus modos de vida, porém a banalização e uso inapropriado de tais expressões por empresários e mesmo pela mídia distorcem essa idéia. Da mesma forma que a sustentabilidade ligou-se, com o decorrer dos anos, com o desenvolvimento, a ecocidadania já é relacionada com o



consumidor ecologicamente correto. Tais expressões acabam por dar visibilidade a um novo nicho de mercado e ainda privilegiar aqueles que se autopromovem a partir da ‘maquiagem verde’.

A emergência de se considerar como nexos insubstituíveis da reversão da crise de civilização o respeito ao meio ambiente passa pela divulgação e legitimação da mídia. A educação ambiental não pode ser reduzida à conscientização ambiental. Lições de moral não serão úteis na ‘troca de lentes’ (CARVALHO, 2008) que precisamos fazer para interagir de forma saudável com o planeta. Precisa-se reverter essa crise de percepção que temos de tudo aquilo que nos cerca. A incorporação da complexidade ambiental envolve compartilhamento de saberes e reflexão profunda sobre o preço que pagamos em função do luxo, da ganância. André Trigueiro admite que isso é necessário para a busca de um outro paradigma civilizatório.

Entender a vida na sua expressão mais holística, sistêmica e inter-relacional não constitui o único desafio do nosso tempo. É preciso comunicar esse saber, traduzi-lo sem o peso do jargão ecológico-científico, torná-lo inteligível ao maior número possível de pessoas, a fim de que uma nova cultura se manifeste na direção da sustentabilidade. Viver de forma sustentável – em equilíbrio com o meio ambiente – não é uma questão de estilo, mas de sobrevivência. (TRIGUEIRO, 2005, p.264).

Frente às dificuldades e problemas que estamos sofrendo em virtude do uso indevido da natureza, contribuindo com o aumento das desigualdades, conflitos e injustiças sociais, os jornalistas precisam incorporar o pensamento crítico sobre a análise entre sociedade e natureza. Informar-se é o primeiro passo. O saber ambiental emerge da razão crítica, configurando-se em contextos sociais diversos e fundamentando-se no constante questionar sobre os paradigmas já legitimados e institucionalizados (Leff, 2001). Como possui também papel de formação e transformação de opiniões, a mídia não pode esquivar-se de seu papel de articulador da construção de novos pensamentos a cerca da existência humana. Utilizar-se da comunicação para manter o consenso destrutivo, para normatizar o desequilíbrio com mais tecnologia, é negar o motivo de ser do jornalismo: servir ao interesse público, ao interesse de todos. Como diz Hernan Gelós (2001), o jornalista é o mediador social por excelência do nosso tempo, não podendo deixar de fazer um trabalho comprometido e qualificado.

5. Um Exemplo desse Caráter Educativo: Análise das Estratégias Discursivas Pedagógicas na Revista Ambiental Mãe Terra

A fim de demonstrar praticamente como esse movimento voltado para o esclarecimento, para a explicação é típico no jornalismo (e é assumido como uma das funções do jornalismo ambiental), fez-se uma breve análise de duas edições da revista especializada em meio ambiente chamada “Mãe Terra”⁸. Verificaram-se as recorrências de estratégias discursivas pedagógicas, que são entendidas como as formas de se tentar produzir determinados efeitos de sentido relacionados ao educar, ensinar. Nelas persiste a idéia de explicar o que significa os fenômenos ambientais. O meio ambiente é visto pelo discurso da revista como algo ainda não compreendido por muitas pessoas e que, por isso, precisa ser decifrado, decodificado, compreendido e exemplificado. Abaixo seguem as imagens das capas das duas edições aqui estudadas:



Edição de Março



Edição de Maio

“Mãe Terra” assume uma posição didática em relação às questões ambientais, sendo o uso das estratégias discursivas pedagógicas algo contínuo no decorrer de suas páginas. Tal posicionamento é evidente no primeiro editorial da publicação:

“De todas as peculiaridades contraditórias de nosso mundo, a mais comprometedoras é o desequilíbrio ambiental, na medida em que representar perdas irreversíveis, como florestas, espécies e, principalmente, as alterações climáticas, cujo desfecho coloca em cheque a própria sobrevivência do homem. *Mãe Terra é uma publicação voltada para*

⁸Publicação da Editora Minuano especializada na temática ambiental. A revista diz ser bimestral, no entanto há significativos atrasos até chegar às bancas. Foram lançadas no ano de 2008 quatro edições e aqui nos debruçamos sobre aquelas que correspondem aos meses de março e maio.



levar ao público noções básicas dos problemas ambientais do planeta. Nossa missão é introduzir o leitor aos temas de relevância de modo didático e objetivo.”

Nessa linha, a revista possui prioritariamente estratégias de cunho pedagógico no seu discurso. Às vezes, ela até aproxima-se de uma apostila, de um livro, aproximando-se de uma forma de ser exageradamente didática, que é criticada pelas premissas do jornalismo ambiental, como se observa nos trechos abaixo:

“Altas temperaturas, derretimento das calotas polares, grandes enchentes e o aumento da força dos furacões e ciclones. Esses fenômenos têm sido observados por cientistas de todo o mundo nas últimas décadas e a perspectiva é de que se mantenham no decorrer dos próximos cem anos. Esse conjunto de mudanças climáticas é genericamente chamado de aquecimento global.”

“Os gases de efeito estufa são assim chamados porque podem absorver radiações infravermelhas emitidas pela superfície da Terra, impedindo que haja perda de calor para o espaço, o que mantém a Terra aquecida. O efeito estufa é, portanto, um fenômeno natural e necessário, pois sem ele o planeta seria muito mais frio, sua temperatura média seria em torno de 33°C mais baixa, inviabilizando a própria vida. O problema é o aumento demasiado da concentração desses gases na atmosfera, que leva o planeta a tornar-se mais quente.”

“A atmosfera é uma camada de gases que envolve a Terra. Ela é composta principalmente de Oxigênio (O²) e Nitrogênio (N²), que juntos compõem 99% dessa camada gasosa. Os principais gases de efeito estufa são o dióxido de carbono (CO²), o óxido de nitrogênio (NO²), os clorofluorcarbonos (CFC's), o metano (CH₄) e o vapor d'água.” (trechos da matéria de capa da 1ª edição de Mãe Terra)

“Furacão é uma das denominações de um fenômeno meteorológico chamado ciclone tropical. Esse fenômeno pode ser definido, a grosso modo, como sendo uma grande tempestade marcada por ventos extremamente rápidos. Na verdade, os furacões são, muitas vezes, formados por várias tempestades, estendendo-se por distâncias que chegam a centenas de quilômetros.” (trecho da matéria de capa da 2ª edição de Mãe Terra)



Para além dessa predominância e fixação pela explicação de conceitos do campo ambiental, o discurso de “Mãe Terra” é permeado também (embora com menos ênfase) por estratégias de interpelação, que buscam trazer o leitor para as questões abordadas na publicação e induzi-los a reflexão. Nesse outro enfoque, “Mãe Terra” mostra interesse em mobilizar seus leitores e deixar claro a relação pareada entre ambiente natural e ser humano. Veja alguns exemplos:

“(...) Apesar dos maiores prejudicados serem as localidades que situam próximas das camadas polares, países como Brasil também poderão ser afetados em razão de um possível aumento do nível das águas do oceano. Erosão em áreas costeiras, alagamentos e alterações dos ecossistemas das regiões de foz dos rios, em face do avanço das águas salgadas, são algumas das conseqüências que o processo de degelo polar pode acarretar. Isso apenas confirma que o mundo é um só e que não adianta acharmos que algo que ocorre em lugares longínquos – como o Ártico – em nada nos afetará. O degelo é um problema de todos nós.” (editorial 2ª edição de Mãe Terra)

“Durante todo o ano de 2008 novos eventos ocorrerão e serão os termômetros do nível de compromisso das nações em relação à continuidade do controle ambiental, especialmente dos Estados Unidos, um dos maiores poluidores do globo e o mais resistente até agora. As eleições para presidência também influenciarão muito nesse processo. O mundo ainda corre perigo, razão pela qual ativistas, ambientalistas, movimentos sociais e até alguns governos e empresas permanecem mobilizados para salvar a vida no planeta Terra.” (matéria de capa da 1ª edição)

“(...) Em toda Terra registram-se alterações que vêm sendo estudadas para que se tenha uma idéia mais precisa de como poderá ser e se haverá algum futuro para a humanidade. Interesses econômicos ainda se sobrepõem à necessidade premente de defender a vida, recuperar as áreas atingidas e preservar as condições necessárias para a continuidade da vida no planeta.

A grande esperança é de que a pressão social e os processos eleitorais em grandes potências como os Estados Unidos, um dos que mais resistem ao Protocolo de Kioto, sejam capazes de modificar a visão e o compromisso dos governos sobre a



gravidade da situação e a urgência da adoção de mecanismos para conter o mal do milênio, que pode levar à destruição do mundo.” (matéria de capa da 2ª edição)

Assim, a revista em questão integra diversos olhares sobre a questão ambiental, voltando-se sempre para a tentativa de revelar os conceitos de forma simples e buscando tocar de alguma maneira o público (seja incluindo ele no seu discurso, seja didatizando conceitos por vezes banalizados pela grande mídia).

6. Considerações

A partir do exposto, acredita-se ter deixado nítido o lugar da educação no exercício do jornalismo. Se entendermos o jornalismo como mais um modo de conhecimento, verifica-se que, sob algum olhar, ele se compromete com a educação. O jornalismo ambiental, então, está vinculado fortemente à educação ambiental, que possui como eixo a plenitude da cidadania e o acesso à informação. Tais pressupostos garantem a possibilidade da construção do pensamento complexo, holístico, concordante com a Ecologia Profunda.

A cidadania e a ética são palavras-chave nos dois processos - tanto no da educação como no do jornalismo - que se caracterizam como uma atividade social. São elas que permeiam o pensamento e o conhecimento e poderão servir para a transformação da realidade na qual estamos imersos. E elas estão em construção dia-a-dia. O que revela o quão importante é realizar coberturas sistêmicas e continuadas, que levem aos cidadãos pontos de reflexão sobre as relações entre seus modos de viver e a crise atual.

Salienta-se que a função pedagógica está inserida no jornalismo desde seus primórdios: a explicação sempre esteve presente nos estudos da área e até no redutor lead (o que? como? por quê?). Com isso, averigua-se que a ampliação do debate das temáticas ambientais e o processo de educar suplantam o meio escolar, abrangendo valores culturais, políticos, econômicos e sociais que são transpassados pela esfera midiática. Só a educação formal não é suficiente. O engajamento de outros setores para envolver a sociedade promove o debate continuado e o pró-ativismo.

Nesse sentido, a imprensa possui ainda mais responsabilidade. As possibilidades de atingir o público considerando o meio ambiente como parte de si e vice-versa recebem outro estatuto (que vão além do sentido de noticiar). Embora nem toda



particularidade do fazer jornalístico pense nesse papel, acredita-se que ele está intrínseco ao exercício de informar, de auxiliar no posicionamento público.

Da mesma forma que a investigação é um dos cerne do campo jornalístico (e mesmo assim há uma nomenclatura específica para o jornalismo que faz isso: Jornalismo Investigativo), pensa-se que o aspecto pedagógico, a ética e a cidadania também o são. O jornalismo ambiental reforça esses fundamentos pelo viés da sustentabilidade do planeta, que deveria, aliás, estar dissolvida em todo e qualquer olhar e ação porque envolve o futuro de todos nós.

Referências Bibliográficas

BECK, Ulrich, GIDDENS, Anthony & LASH, Scott. **Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

BELMONTE, Roberto Villar. Cidades em Mutação. In: BOAS, Sérgio Vilas (org.). **Formação e Informação Ambiental – Jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2004.

BERNA, Vilmar. Educación y Ciudadanía. In: **Ciudadanía Planetaria**. Federación Internacional de Periodistas Ambientales, 2000.

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação, Jornalismo e Meio Ambiente – Teoria e Prática**. São Paulo: Majoara Editorial, 2007.

_____. **Jornalismo Científico: Conceitos e Funções**. São Paulo: Ciência e Cultura, 1985.

BURKETT, Warren. **Jornalismo Científico: Como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

CALDAS, Graça. **Mídia, Educação Científica e Cidadania. A experiência das revistas Eureca e ABC das Águas**. IX Reunião da Red POP. Rio de Janeiro, 2005.

CAMPOS, Pedro Celso. Jornalismo e Meio Ambiente: o papel social da mídia na conscientização. In: **Revista Comunicação Midiática**. Bauru- SP: Universidade Estadual Paulista – Número 5/ Ano 3, Set. 2006.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida – Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1996.



CARVALHO, Isabel, C. M. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico.** São Paulo. Cortez, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias.** São Paulo: Contexto, 2006.

ERBOLATO, Mário. **Técnicas de Decodificação em Jornalismo – Redação, Captação e Edição no Jornalismo Diário.** São Paulo: Ática, 1991.

GELÓS, Hernan Luis Sorhuet. El mediador social deste siglo. In: **Tópicos en Educación Ambiental.** México: SAMANARP-UNAM – Número 9/ Volumen 3, Diciembre 2003.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade.** São Paulo: Editora UNESP, 1991.

JOHN, Liana. **Imprensa, Meio Ambiente e Cidadania.** In: Revista Ciência e Ambiente. Santa Maria: UFSM, v. 23, julho/dezembro, 2001.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental.** Petrópolis-RJ: Vozes, 2001.

NETO, Antônio Fausto. Quando a ética toma forma. In: PAIVA, Raquel (org.). **Ética, cidadania e imprensa.** Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

_____. **Mortes de derrapagem; Os casos Corona e Cazuza no Discurso de Comunicação de Massa.** Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.

SOUSA, Cidoval Morais de *et al.* **Jornalismo Científico e Educação para as Ciências.** Taubaté-SP: Cabral Editora e Livraria Univesritária, 2006.

TRIGUEIRO, André. **Mundo Sustentável – Abrindo Espaço na Mídia para um Planeta em Transformação.** São Paulo: Globo, 2005.

_____. **O jornalismo não pode se omitir.** Disponível em: <http://www.ecopop.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm>.> Acesso em 29 de abril de 2006.

WALDMAN, Maurício. Natureza e Sociedade como Espaço de Cidadania. In: PINSKY, Jaime, PINSKY, Carla Bassanezi (orgs). **História da Cidadania.** São Paulo: Contexto, 2003.